

Nas artes, em seu contexto amplo e plural, pensar a intimidade das relações entre tantos corpos multicoloridos e suas ancestralidades é, invariavelmente, mobilizar diferentes territorialidades e temporalidades. Nosso passado entremeado por tantas diásporas reivindica outras formas de narrar nossas histórias, para que deste mesmo presente possamos projetar um futuro que seja pelo menos mais múltiplo e diverso. Articular mundos, nesse sentido, é um gesto ético, estético e radical de respeito às singularidades que estruturam qualquer coletividade, como as nuances e as sutilezas vitais para um bom conviver. Só a pluralidade da arte é capaz de inspirar e mobilizar tantas memórias, desejos e afetos em tamanhas intensidades. Estar em movimento é também uma forma de mobilizar sonhos, paixões e imaginários, mas principalmente nossa força de realização (axé).

INAICYRA FALCÃO



Inaicyra Falcão dos Santos é uma referência no estudo das artes cênicas brasileiras. Passou por todos os graus acadêmicos de universidades e por instituições de ensino no Brasil, nos Estados Unidos, na França, na Inglaterra e na Nigéria. Passou também por palcos europeus e brasileiros, dançando. Conhece sua família paterna até a sexta geração, porque são pessoas históricas na invenção do que é Salvador (BA), a mais africana cidade brasileira.

Na segunda metade do século XIX, viveu na capital da Bahia sua ancestral Marcelina da Silva, Obá Tossi (Costa da Mina, século XIX – Salvador, 1885), sacerdotisa fundadora do candomblé brasileiro que desmontou o estereótipo dos escravizados com uma vida próspera, que a permitiu inclusive visitar a África. Depois de duas gerações, veio Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora (Salvador, 1890-1967), outra líder religiosa de grande projeção e cujo filho, Deoscóredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi (Salvador, 1917-2013), foi um renomado artista – escritor e escultor – e sacerdote, que também retornou à África, onde confirmou que Marcelina, Maria Bibiana e ele descendiam da família real Asipá, de Queto, cidade do império iorubá. Ele é o pai de Inaicyra.

Em CORPO E ANCESTRALIDADE: UMA PROPOSTA PLURICULTURAL DE DANÇA-ARTE-EDUCAÇÃO (2002), Inaicyra parte de sua experiência pessoal para encontrar o universal: que o gesto é memória – movimento do corpo nos trabalhos e nas atividades cotidianas que carregamos, repetimos e expandimos. E que qualquer um pode construir, a partir desses registros, um repertório próprio para assim se expressar. Nessa busca dos registros, é muito comum encontrar um mito, outra vez o universal, que se repete em vários povos ao longo da história, princípio da ancestralidade humana.

Assim ela mobiliza gerações de alunos, estudantes e artistas, que cada vez mais trazem sua epistemologia para a cena e a pesquisa – como nos artigos reunidos no livro RITUAIS E LINGUAGENS DA CENA: TRAJETÓRIAS E PESQUISAS SOBRE CORPO E ANCESTRALIDADE (2012), de que é coorganizadora.

Cantora lírica com um disco gravado (OKAN AWA: CÂNTICOS DA TRADIÇÃO YORUBÁ, 2000) e outro em produção, Inaicyra repetiu no canto a busca pela expressão própria, com a fricção entre tempos, tradição e contemporaneidade.

Sua trajetória é exemplar na luta contra o racismo estrutural. Ela levou a cultura afro-brasileira para lugares de tradição eurocêntrica, para a academia e a música erudita, com os sentidos atentos para projetar e convidar as novas gerações da pretitude a ocupar esses espaços, dos quais foram tradicionalmente apartadas.

Inaicyra é sofisticada, inteligente e elegante. Brinca que prefere carregar plumas a enfrentar os inconvenientes ordinários do dia a dia. Questionadora, exigente, dramática. Ela rejeita o senso comum e a generalização, que turvam existências singulares. E segue fiel aos seus ancestrais, transformando essa devoção em arte quando canta, dança, pensa.

UMA ARTICULADORA DE UNIVERSOS O mundo mobiliza Inaicyra Falcão e ela mobiliza mundos. Suave e continuamente, ela articula saberes que podem coexistir pela sua generosidade e amplitude de conhecimentos, ao mesmo tempo que penetra as dobras do mundo com arte e vida. Com sua família, muitos portais se abriram: é filha de Edvaldina Falcão dos Santos, “a mola propulsora e sua incentivadora para os estudos formais”, e Deoscóredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi, escritor, artista plástico e Alapini (sacerdote do culto de egungum na tradição iorubá), quem lhe revelou o mundo das artes e das tradições. É também neta de Maria Bibiana do Espírito Santo (1890-1967), a Mãe Senhora, célebre ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, com quem vivenciou intensamente a coletividade, as festividades, seus preparativos e rituais ancestrais. “Eu tinha uma sede muito grande de ser uma artista, de me expressar, desde pequena, cantar, dançar, desenhar, pintar. Cada um tem uma história, e eu tinha a minha, presente. Preciso ver mais, conhecer mais, aprofundar mais essa história. Sempre fui questionadora em busca de possibilidades. A arte é tudo para minha vida, ela é muito forte.”

- A metáfora da territorialidade da tradição nagô, “da porteira para dentro, da porteira para fora”, traz o espírito de Inaicyra, que vive as tradições e dialoga com distintas comunidades e saberes. É uma multiartista, da dança e do canto lírico, e também uma referência acadêmica. Iniciou seus estudos universitários com a graduação em dança na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e cruzou o mundo em busca de diálogos: mestrado em artes teatrais pela Universidade de Ibadan (Nigéria), doutorado em educação pela Universidade de São Paulo (USP) e

livre-docência em práticas interpretativas pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Fez cursos no Laban Centre (Londres), na Schola Cantorum (Paris) e na The Ailey School (Nova York). Para Inaicyra, “quanto mais a gente viaja, vive, mais escolhas tem”. • Tudo se dá em diálogo: a arte, a pesquisa, a experimentação e a formalização, percebendo o universo por diversos prismas. Seu método: corpo e ancestralidade incentivam a criatividade, a experiência, as emoções e as memórias, e levam a um processo de aprendizagem que potencializa as trajetórias pessoais. O corpo modula, em cada fragmento, a dança, o canto, o figurino, a culinária... E articula saberes com fluxos, acentos e suspensões. Para Inaicyra, o “ser humano precisa transcender. Discriminamos não somente a cor de pele, e sim muitas coisas: religião, classe, etnia... Podemos mudar com o contínuo e atento respeito a si e ao outro, em um convívio mútuo que faz a diferença”. **INÊS BOGÉA**

